

## EDITORIAL

*Eliane Gouvêa Lousada\**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

*Anise de Abreu Gonçalves d'Orange Ferreira\*\**

Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil

*Ermelinda Maria Barricelli\*\*\**

Universidade São Francisco, Bragança Paulista, SP, Brasil

*Maria Inês Batista Campos\*\*\*\**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

### GÊNEROS, TECNOLOGIA E MULTIMODALIDADE: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS E PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

#### Pesquisas em torno de gêneros textuais

Neste número 33/2 de *Linha d'Água*, temos por objetivo apresentar artigos que discutem pesquisas baseadas em gêneros textuais e desenvolvidas em diálogo com

---

\* Doutora e pesquisadora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo - SP, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3065-2769>; [elianelousada@uol.com.br](mailto:elianelousada@uol.com.br)

\*\* Doutora e pesquisadora da Universidade Estadual Paulista – Unesp, Araraquara, SP, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5755-1434>; [anise.a@gmail.com](mailto:anise.a@gmail.com)

\*\*\* Doutora e pesquisadora da Universidade São Francisco – UFC, Bragança Paulista, SP, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4160-3783>; [ermebarricelli@gmail.com](mailto:ermebarricelli@gmail.com)

\*\*\*\* Doutora e pesquisadora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo Universidade de São Paulo – USP, São Paulo - SP, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0004-9923>; [maricamp@usp.br](mailto:maricamp@usp.br)

outras temáticas presentes na atualidade, tais como: i) o papel das tecnologias e da multimodalidade no ensino-aprendizagem de línguas; ii) o trabalho de ensino e a formação de professores; iii) o desenvolvimento da oralidade e da escrita de alunos em língua materna ou estrangeira em diferentes contextos, inclusive o universitário.

As pesquisas sobre gêneros textuais têm sido desenvolvidas no Brasil há várias décadas, desde os últimos anos do século XX. Como apontam Machado e Lousada (2010), o ensino de/por meio de gêneros textuais chega ao contexto brasileiro com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e acaba por se tornar uma *prescrição*, no sentido atribuído por algumas das Ciências do Trabalho (GUÉRIN et al., 2001). Em outras palavras, os gêneros passam a orientar as políticas educativas, tanto do ponto de vista das orientações para o ensino, nos PCN, quanto no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que guia a elaboração de livros didáticos, ou, também, na formação de professores. Dessa forma, em graus distintos, vimos um interesse crescente na problemática dos gêneros textuais aliada ao ensino, sobretudo, de línguas, tanto maternas quanto estrangeiras. Essa influência se traduziu na elaboração de materiais didáticos, que têm ampla disseminação no território nacional, pois chegam, de alguma forma, até a sala de aula, e, também, em programas nacionais, como as Olimpíadas de Língua Portuguesa.

Segundo essas autoras (MACHADO; LOUSADA, 2010), no entanto, pela falta de consenso científico sobre a noção de gênero textual e de conhecimentos construídos sobre gêneros, houve o que se pode chamar de “transposição didática invertida”, para usar o termo proposto por Chevallard (1985). Esse termo pode ser entendido da seguinte forma: pela falta de consenso sobre os gêneros e de conhecimentos científicos sobre o tema, foram propostas orientações, formações e materiais didáticos das mais variadas formas, sem uma coerência interna específica, sem bases teóricas claras e sem uma articulação lógica de conceitos e práticas. O resultado foi, por um lado, um descompasso entre as propostas de materiais didáticos e a formação de professores para usá-los. E, por outro lado, uma incoerência nas orientações oficiais para o ensino, no material didático e/ou nas práticas dos professores, justamente pelo fato de não haver consenso sobre o conceito de gênero textual/discursivo e sobre as maneiras de ensiná-lo. Em última instância, podemos dizer que essas incoerências e indefinições não ajudaram na implantação de propostas de ensino com base

nos gêneros textuais, realidade que tem estimulado cada vez mais estudos sobre os gêneros e seu ensino.

Desde a chegada da problemática dos gêneros textuais ao Brasil, várias correntes teóricas foram se implantando e se delineando, algumas mais e outras menos voltadas para o ensino. Algumas dessas correntes, segundo Araújo (2004), são: sociorretórica, sistêmico-funcional, sociointeracionista (englobando a vertente bakhtiniana e o interacionismo sociodiscursivo), análise crítica do discurso, análise do discurso de linha francesa. Segundo a autora (ARAÚJO, 2004), à época, havia mais trabalhos nas correntes da sociorretórica (20,7%), na linha sociointeracionista (36,9%), provavelmente por associar duas vertentes e, também, uma combinação de perspectivas (24%). Embora essa situação provavelmente tenha mudado bastante mais de uma década depois da publicação do artigo, parece-nos importante atentar para a quantidade de trabalhos que mesclam mais de uma perspectiva, o que nos parece ser uma característica que ainda ocorre no contexto brasileiro, principalmente se levarmos em conta as questões que se apresentam nos estudos dos gêneros textuais/discursivos na contemporaneidade. Voltaremos a essa problemática mais à frente.

Como apontam Bawarshi e Reiff (2010), muitos estudos de gêneros textuais no Brasil fazem uma síntese de várias correntes de tradição linguística, retórica, social/sociológica, também incluindo as tradições francesa e suíça, do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 1999, 2006, 2008). Esses autores consideram “instrutiva” e “rica” a maneira como, no contexto brasileiro, essas tradições são combinadas para possibilitar compreender “o funcionamento dos gêneros e como eles podem ser ensinados em vários níveis” (BAWARSHI; REIFF, 2010, p. 77). Para esses autores:

In so doing, Brazilian genre studies offer a way of seeing these traditions as compatible with one another and as providing analytical and theoretical tools by which to understand how genres function linguistically, rhetorically, and sociologically<sup>5</sup>. (BAWARSHI; REIFF, 2010, p. 75).

---

<sup>5</sup> Dessa forma, os estudos sobre gêneros no Brasil oferecem uma maneira de ver essas tradições como compatíveis umas com as outras e como oferecendo ferramentas analíticas e teóricas através das quais se pode compreender como os gêneros funcionam linguisticamente, retoricamente e sociologicamente. (Tradução das autoras).

Embora não concordemos totalmente com as afirmações acima, uma vez que não nos parece que as pesquisas sobre gêneros textuais/discursivos no Brasil combinem sistematicamente tradições diferentes, como se fossem sempre uma *síntese*, como indicam os autores, essa interpretação encontra respaldo em alguns estudos que, ainda que adotando um quadro teórico geral, aliam outros estudos, no intuito de encontrar respostas a questões emergentes na contemporaneidade e no contexto brasileiro. Na segunda década do século XXI, temos visto problemáticas emergentes que despontam no cenário mundial e brasileiro, tais como: os letramentos e multiletramentos, o letramento acadêmico, a multimodalidade, o ensino a distância e o uso de ferramentas e recursos tecnológicos para o ensino, sem mencionar temáticas que sempre estão presentes, como, por exemplo, a formação de professores.

A temática dos letramentos e multiletramentos tem sido amplamente explorada no Brasil na última década. Partindo dos estudos sobre letramentos, propostos por Street (2014) e retomados por muitos autores brasileiros (por exemplo, KLEIMAN, 2006), vemos uma série de trabalhos, muitos deles articulando a questão dos letramentos ao ensino de/por meio de gêneros textuais (BUENO; ZANI, 2019). Estreitamente ligada a esses estudos, temos, também, a questão do letramento acadêmico (PEREIRA, 2019; LOUSADA, BUENO, DEZUTTER; 2019; LOUSADA, TONELLI, 2019), que se expandiu no Brasil tendo em vista as dificuldades de produção de gêneros textuais acadêmicos por alunos brasileiros. Nesse aspecto, as pesquisas no Brasil retomam frequentemente estudos anglófonos ou latino-americanos (PEREIRA, 2019), já que em países como a Suíça, por exemplo, onde há uma longa tradição de pesquisas sobre gêneros textuais, pelo prisma do ISD, a problemática do ensino-aprendizagem de gêneros textuais acadêmicos não é uma realidade presente. Ainda no que diz respeito aos letramentos, vimos despontar preocupações com o ensino fundamental e médio que buscam aproximar os alunos da escola, ampliando as relações entre sua vida cotidiana, altamente conectada à internet, e o ambiente escolar, motivando-os a aprender. Nesse quadro, surge a proposta dos multiletramentos ou letramentos múltiplos (ROJO, 2013; ROJO, BARBOSA, 2015).

Ao mesmo tempo, no contexto brasileiro (e mundial) o acesso à internet e o surgimento da Web 2.0 possibilitaram interações de variados tipos que antes não eram possíveis no ambiente digital, e isso impulsionou as reflexões sobre multimodalidade

que já estavam presentes anteriormente, mas que ganharam novos contornos. Uma abordagem clássica da multimodalidade é a proposta por Kress e Van Leuween (2006), que partem dos princípios da Análise Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985/2004) e de sua compreensão dos gêneros textuais, para refletir sobre textos multimodais. Muitos outros autores também exploram a questão dos gêneros multimodais (DIONÍSIO, 2011) e propõem investigações sobre o papel das tecnologias digitais na produção de gêneros orais ou escritos. Os ambientes digitais e o papel das tecnologias (FERREIRA, 2012; FERREIRA; MELO, 2016) para o ensino são temáticas também amplamente exploradas nos estudos de gêneros textuais na atualidade e, por isso, estudar seus impactos e as transformações que demandam tem sido uma prática recorrente nas pesquisas em Linguística Aplicada.

Por outro lado, os estudos sobre formação de professores estiveram sempre presentes nas pesquisas tanto em Educação quanto em Linguística Aplicada e, desde que os gêneros textuais se tornaram uma prescrição para o ensino no Brasil, pensar no ensino de/por meio de gêneros e em como formar professores para fazê-lo se tornou algo indissociável. Na área da Linguística Aplicada, muitas linhas sobre formação de professores se desenvolveram no contexto brasileiro, dentre as quais, mencionamos três, que nos parecem mais frequentemente citadas em pesquisas brasileiras: a proposta de Schön (1995, 2000) sobre o professor reflexivo, as pesquisas sobre narrativa de vida, inspiradas em Clandinin e Connelly (2000) e, mais recentemente, as vertentes que consideram que o ensino é um trabalho, resgatando os estudos de algumas das Ciências do Trabalho (LOUSADA, 2006, 2017).

Retomando o exposto por Bawarshi e Reiff (2010), segundo os quais, no contexto brasileiro, haveria uma síntese de várias correntes teóricas sobre gêneros textuais/discursivos, podemos dizer que tratar das questões complexas que estão emergindo no cenário atual a partir de um quadro teórico único é difícil, até pelo fato de que muitas dessas abordagens teóricas surgiram há bastante tempo e não necessariamente têm respostas para as problemáticas atuais. Além disso, temos o fato de que o cenário da educação do Brasil muitas vezes cria demandas diferentes das de outros locais e países.

Tendo essa perspectiva em vista, foi proposto um simpósio no X Simpósio Internacional de Gêneros Textuais/Discursivos (SIGET) – 2019, que ocorreu na

Universidade de Córdoba, na Argentina, no qual procuramos, a partir do quadro teórico central do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 1999, 2006, 2008) e de seus desdobramentos no campo da Didática das Línguas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; DOLZ, 2016), aceitar pesquisas que apresentassem diálogos com outras perspectivas teórico-metodológicas, tais como: i) a Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e suas relações com o ISD (LEAL, 2011; MELÃO, 2014; SUMIYA, 2017), para tratar das questões ligadas à multimodalidade; ii) a Clínica da Atividade (CLOT, 1999, 2001, 2008, 2017) e a Ergonomia da Atividade dos Profissionais da Educação (AMIGUES, 2004; SAUJAT, 2004; FAÏTA, 2004), com a finalidade de discutir a formação de professores (LOUSADA, 2006, 2017); iii) autores como Kembellec e Broudoux (2017), Burdick et.al. (2012), que investigam o impacto das tecnologias digitais nas produções e gêneros textuais acadêmicos; iv) e, ainda, autores que tratam dos letramentos (STREET, 2014), multiletramentos (ROJO, 2013) e letramento acadêmico (LOUSADA, BUENO, DEZUTTER, 2019; PEREIRA, 2019; PEREIRA; BASÍLIO, 2014).

Algumas das questões norteadoras que esperávamos responder com o simpósio eram: qual a importância de se considerar a multimodalidade e qual é seu papel no ensino de línguas? De que forma as tecnologias podem contribuir para o ensino-aprendizagem de línguas com base em gêneros textuais? Como os gêneros digitais transformam a escrita e a leitura acadêmica e conseqüentemente a formação de professores? Como utilizar a perspectiva dos gêneros textuais para a formação de professores? Como formar professores para o ensino de gêneros textuais? Tínhamos em vista que o debate do conjunto de pesquisas, concluídas ou em andamento, poderia contribuir para compreender melhor o papel dos gêneros textuais para o ensino-aprendizagem de línguas na atualidade, bem como sua interface com as tecnologias e com a formação de professores.

### Em torno do número 33/2 da revista *Linha d'Água*

Os artigos selecionados deste número, intitulado *Gêneros, tecnologia e multimodalidade: perspectivas para o ensino-aprendizagem de línguas e para a formação de professores*, retomam a ideia proposta no Simpósio de Córdoba e, portanto, são elos

entrelaçados de uma corrente, compartilhando pontos em comum e abraçando novos elos na preocupação com os letramentos e multiletramentos, a multimodalidade, ou seja, ensino, formação de professores, por meio de diferentes gêneros de textos, produção oral, escrita, em modalidade digital ou performática.

Além disso, abrangem um espectro variado em relação às fontes e participações internacionais e preocupações plurilinguísticas. O presente número conta não somente com a participação genebrina, representada pelos pesquisadores Joaquim Dolz e Antony Coppolla, que, em virtude da abordagem teórica, já era esperada, mas também com pesquisadores de Portugal, país representado por Audria Leal e Matilde Gonçalves; e dos Estados Unidos, por Christopher Blackwell e Chiara Palladino. Nacionalmente, o volume contém artigos envolvendo pesquisadores do Rio Grande do Sul, de Pernambuco e de São Paulo, capital e interior, e esses em parcerias com instituições internacionais.

A contribuição de Coppolla e Dolz traz elementos relevantes na sociedade atual sobre o desafio enfrentado no desenvolvimento da capacidade argumentativa oral em francês no ambiente escolar e a igualdade de fala entre crianças do sexo feminino e masculino. Encontramos ali a verificação de dispositivo visando à igualdade da distribuição da expressão oral em debate regrado, entre os sexos, em uma escola genebrina, de crianças entre 8 e 10 anos. A diferença de tomada de turnos entre meninos e meninas é um fenômeno conhecido no âmbito da argumentação, bem como a preocupação em diminuir as distâncias (BAXTER, 1999). No entanto, é sabido que as meninas em idade maternal podem apresentar precocidade de linguagem maior que os meninos nos dois primeiros anos de desenvolvimento (SKEAT et al. 2010) e também escores superiores no vocabulário referente à rotulação de comportamentos e produção lexical na língua francesa (KERN, 2007). À medida que crescem, porém, vários fatores podem influenciar no desenvolvimento das capacidades relativas à linguagem, inclusive na prática do debate, e surgem as diferenças que mostram maiores chances para os meninos. Os resultados mostram, por um lado, que o dispositivo adotado em sua pesquisa pode evidenciar os mecanismos de dominação por parte dos alunos e, principalmente, a diferença das tomadas de turno entre meninos e meninas. Ressaltam, ainda, a importância do papel dos moderadores nas intervenções visando à igualdade de fala e a capacidade argumentativa. Joaquim Dolz, como se

sabe, é professor e pesquisador da Universidade de Genebra tradicionalmente ligado ao modelo didático de gêneros. Coppolla é doutorando da mesma universidade em Ciências da educação na didática do francês e estudos sobre gêneros.

Ainda no âmbito da língua francesa e da fala, o artigo de Lousada, Silva e Dias traz o relato de sua pesquisa realizada no contexto acadêmico visando ao letramento acadêmico e ao plurilinguismo na universidade. Uma iniciativa da parceria entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e o Laboratório de Letramento Acadêmico na Universidade de São Paulo (LLAC), o curso de produção textual acadêmica em francês, cujos resultados são discutidos no artigo, é mostra da grande necessidade de se aumentar o nível das apresentações orais em diferentes idiomas dentro do contexto científico brasileiro, e essa inclui a língua francesa, que, como todo idioma usado em seu contexto científico particular, envolve normas relativas à atividade em si. O leitor contará com todo o referencial teórico que cerca o curso, a elaboração do material didático e a análise da produção dos alunos. Eliane Lousada é bolsista em produtividade do CNPq, líder dos grupos ALTER e ALTER-AGE no CNPq e atua na área de formação de professores de francês, gêneros textuais e letramento acadêmico na USP. Silva e Dias são, respectivamente, doutoranda e mestre pela USP e pesquisadoras do grupo ALTER-AGE-CNPq.

Outros artigos trazem à discussão diferentes aspectos do impacto da multimodalidade e multiletramentos nos diferentes gêneros de textos e materiais didáticos no contexto de ensino. Zani, Bueno e Dolz, por exemplo, adicionam às tradicionais capacidades de linguagem uma investigação sobre capacidades multimodais em torno do objeto vídeo-aula. Não é pouca contribuição ao falar da importância das vídeo-aulas, principalmente, após o advento da pandemia do COVID-19, que colocou todos sob distância social necessária. Com tantos recursos disponíveis e mesmo diferentes modelos existentes para instruções passadas em vídeo, mais um desafio chega aos professores que terão de tomar decisões sobre como utilizar tais recursos por meio de sequências didáticas. Pois defendem que produzir tal material vai além de conseguir uma boa comunicação ou dominar o conteúdo. No final dos anos 80, investigava-se a efetividade comparativa de recursos como videotape, audiotape e telepalestra (BEARE, 1989). A questão da precarização do ensino já estava viva em relação a esses meios em oposição a instruções fornecidas ao vivo

para os alunos. Tal oposição não parece ser mais um problema em si, já que os instrumentos de comunicação à distância evoluíram muito na tecnologia. Assim, a *pedagogia síncrona* parece uma alternativa viável e proveitosa para uma modalidade chamada *blended-learning* (HOGAN, 2019), possibilitada pelas aulas online em vídeo. Mas questões na formação do docente em relação à apropriação desses artefatos continuam fomentando a pesquisa na área. Luzia Bueno é bolsista em produtividade PQ/CNPq e docente credenciada no Programa Doutorado em Educação da Universidade São Francisco na cidade de Itatiba-SP; também é vice-líder do grupo ALTER-AGE e líder do Grupo ALTER-LEGE/CNPq, conhecida principalmente pela autoria dos livros sobre gêneros orais e textuais. Juliana Bacan Zani é uma jovem doutora pesquisadora do grupo ALTER-LEGE/CNPq e coordenadora pedagógica do Instituto de Educação Terra.

Reis conduz sua pesquisa, na qual seu artigo se baseia, em uma área que se dedica à preservação das línguas históricas que conseqüentemente deixaram vestígios na cultura e línguas modernas; uma área pouco conhecida fora dos gabinetes universitários das Humanas. Estamos falando das Letras e Estudos Clássicos, que, se por um lado, está distante dos bancos escolares, por outro, vem renascendo com a incorporação de novos métodos, com bibliotecas digitais e não só digitalizadas, desde meados dos anos 90 (CRANE, 2000), e sua disseminação efetiva há pouco mais de dez anos (BODARD; MAHONY, 2008; CRANE et al. 2009; BLACKWELL; MARTIN. 2009; TERRAS; CRANE, 2010), causando impacto no trabalho de docência, de pesquisa e de produção de textos que compõem a atividade do classicista a que soma o rótulo de digital. Reis traz a discussão dessa atividade de docente e pesquisador emergente à luz de conceitos do ISD e das ciências do trabalho. Os textos estão se transformando em seus gêneros dentro dessa área? Estamos diante de uma nova área ou um novo estilo e gênero de atividade? O modo como as transformações afetam a produção do próprio objeto de estudo, sua divulgação, sua pesquisa e ensino pode ser demonstrado tanto na pesquisa de Reis em uma instrução ao sócia com um pesquisador representante do profissional classicista ligado à computação, como no artigo conjunto de Ferreira, Blackwell e Palladino.

Esse último é prova de que surgem especificidades no letramento diante das inovações realizadas no desenvolvimento da infraestrutura na área de clássicas e do

impacto na forma de estudar, de pesquisar e de divulgar a produção acadêmica. Michel Ferreira dos Reis é graduado em grego e alemão, doutorando em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP e colaborador dos Projetos Abertos em Letras Clássicas Digitais coordenado por Anise Ferreira, ambos membros do Grupo ALTER/CNPq; todos participam do Consórcio Internacional Sunoikisis Digital Classics, sediado na Universidade de Leipzig. Chiara é uma jovem doutora de Leipzig que trabalha atualmente nos Estados Unidos com Christopher Blackwell, professor titular no mesmo departamento de Clássicas na Furman University, é conhecido por ser um dos criadores da arquitetura CITE para digitalização de textos clássicos, arquitetura em que se sustenta, entre outros, o projeto Homer Multitext do Centro de Estudos Helênicos de Harvard em Washington D.C. Embora haja muita discussão sobre os problemas ligados à própria dinâmica mutante das tecnologias digitais e seus instrumentos, como uso de linguagens abertas, desenvolvimento de algoritmos confiáveis, variados esquemas de anotação de corpus consistentes, permanência de armazenamento, etc., o classicismo digital está deixando suas marcas. Ao apontar rumos promissores para a que a área se sustente em um mundo que responde às demandas de educação, produção e mercado (BERTI, 2019), traz a Web 3.0, a terceira onda da Internet, para o debate dos gêneros dos textos digitais.

Leal e Gonçalves, em sua contribuição, ressaltam processos específicos para o ensino/aprendizagem de leitura de textos multimodais duplamente dirigidos: de forma macro, no que tange o nível contextual, e de forma meso/micro, no que tange o nível configuracional. Para as autoras, o gênero de texto reportagem se adequa ao ensino de textos multimodais, por ser um gênero em que diferentes modos semióticos interagem e por atender as recomendações do Ensino Básico em Portugal e do Ensino Fundamental no Brasil. O artigo traz, assim, os passos de análise tanto para o nível contextual como para o nível configuracional, dando conta dos elementos não textuais semiotizados e articulados ao texto, contribuindo metodologicamente para o Modelo Didático de Gênero do ISD. Áudria Leal vem trabalhando modelos didáticos baseados em gênero com textos multimodais, como o cartoon, há alguns anos (LEAL, 2011; LEAL; SILVA-HARDMEYER, 2019), e Matilde Gonçalves com gêneros de texto e modalização. Ambas são docentes e pesquisadoras do Centro de Pesquisa Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

Leitão, docente no Instituto Federal de Pernambuco, no campus de Garanhuns, pesquisa o multiletramento por meio do corpus literário, visando à compreensão poética e à produção autoral. O insumo, duas peças de Martins Pena; a produção, quatro histórias em quadrinho baseadas nas peças que os seus 36 estudantes do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Informática tinham de realizar. O uso de quadrinhos em sala de aula é algo estabelecido como meio de difundir personagens e obras clássicas (BORGES, 2017). Mas seu artigo ressalta com propriedade não só a valorização do texto literário em sala de aula de língua portuguesa como também, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de capacidades de linguagem no que tange ao visual, gestual, espacial, etc., por meio de uma retextualização. O seu trabalho evidencia que muito se pode fazer pelo letramento também com recursos acessíveis, e o que parece simples em termos de procedimento pode significar algo bastante sofisticado. Com formação na área de Letras, André Alexandre Padilha Leitão é doutor pela UFPE, atua no ensino das línguas portuguesa e inglesa, mediadas por computador e serviços web, com foco no letramento digital, e é autor de livros que contemplam os textos literários.

Tognato e Butler contribuem para este número com uma ferramenta para o trabalho docente, uma análise das resenhas dos livros didáticos de língua portuguesa aprovados pelo Guia do Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2020. A preocupação das autoras está em evidenciar como as resenhas se relacionam com o desenvolvimento das capacidades de linguagem e se fazem referência ao trabalho com diferentes práticas de linguagem/discursivas de diferentes gêneros. Maria Izabel Rodrigues Tognato é docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Paraná e coordena o grupo de pesquisa Linguagem, Desenvolvimento, Educação e suas Relações e o Núcleo de Assessoria Pedagógica. Daniella Barbosa Buttler, com experiência de ensino em colégios particulares, é professora no Centro Universitário SENAC do Campus de Santo Amaro e na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, FATEC. Dedicar-se ao ensino da Língua Portuguesa.

Encerrando este número, há a resenha Thiago Jorge Ferreira de Santos sobre a recente publicação da obra *O Interacionismo Sociodiscursivo em foco: reflexões sobre uma teoria em contínua construção e uma práxis em movimento*. Santos apresenta como seus organizadores (GUIMARÃES, CARNIN, LOUSADA), reuniram

capítulos de autoria de grandes expoentes, fundadores e destacados pesquisadores do ISD, a saber, Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e Rita Hofstetter, de Genebra; Dora Riestra, da Universidad Nacional de Rio Negro; e Rosalice Pinto, Carla Teixeira e Audria Albuquerque Leal, da Universidade Nova de Lisboa. Os autores brasileiros, com produção destacada na área, têm origem nas universidades dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Paraíba e Ceará. A resenha oferece ao leitor não familiarizado com o ISD uma visão clara da distribuição temática, metodológica e representativa do ISD, em seu VI Encontro Internacional, realizado em julho de 2019, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). O leitor já familiarizado com a abordagem, por sua vez, tem ao seu alcance, um rico panorama das tendências e rumos do ISD.

Fechamos este editorial apresentando um balanço referente à presença de autores e instituições nacionais e internacionais neste número. Foram reunidos 8 textos de 18 autores, representando 9 diferentes instituições de 4 países; e contamos com três tradutoras do francês, o que permitiu um maior acesso às pesquisas suíças. Com este número, convidamos todos a uma leitura dos artigos e resenhas com significativos resultados de pesquisa.

*Linha d'Água* recebe o auxílio do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da Universidade de São Paulo, por meio da Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (Aguia), a quem agradecemos, mais uma vez, pelo inestimável e constante apoio e reconhecimento. Essas medidas permitem a manutenção da indexação de *Linha d'Água* na Web of Science, base de dados de citações científicas do Institute for Scientific Information, mantida pela Clarivate Analytics, nas áreas de Ciências Sociais, Artes e Humanidades.

A revista conta com grande grupo de pareceristas *ad hoc* e do Conselho Editorial e com um corpo de revisores de língua portuguesa de excelência, o que garante sua alta qualidade. Conta também com o trabalho de revisão de tradução, realizado pela professora Roseli Serra, da Universidade Católica de Pernambuco.

Com este número da revista, o Conselho Editorial busca a internacionalização do periódico, uma vez que recebemos artigos de autores de universidades estrangeiras, procurando responder às exigências da Universidade de São Paulo e das agências internacionais. *Linha d'Água* torna-se, assim, um espaço aberto a

publicações ligadas aos estudos de língua portuguesa, aos estudos linguístico-discursivos e sua relação com o ensino, mantendo um diálogo constante com as pesquisas desenvolvidas no Brasil e no exterior.

## Referências

AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004, p. 35-54.

ARAÚJO, A. D. Gêneros Textuais acadêmicos: reflexões sobre metodologias de investigação. *Rev. de Letras*. n. 26, v. 1/2, p. 21-27, 2004.

BAXTER, J.A. Teaching Girls to Speak Out: The Female Voice in Public Contexts. *Language and Education*, n. 13, v. 2, p. 81-98, 1999.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Genre an Introduction to History, Theory, Research, and Pedagogy*. West Lafayette: Parlor Press and The WAC Clearinghouse, 2010.

BEARE, P. L. Media: The comparative effectiveness of videotape, audiotape, and telelecture in delivering continuing teacher education. *American Journal of Distance Education*, n. 3, v. 2, p. 57-66, 1989.

BERTI, M. (Org.) *Digital Classical Philology*. Ancient Greek and Latin in the Digital Revolution. Age of Access? Grundfragen der Informationsgesellschaft 10. Berlim e Boston: De Gruyter, 2019.

BLACKWELL, C.; MARTIN, T. R. Technology, Collaboration, and Undergraduate Research. *Digital Humanities Quarterly*, n. 3, v. 1, 2009.

BODARD, G.; MAHONY, S. Though much is taken, much abides. Recovering antiquity through innovative digital methodologies: Introduction to the special issue. *Digital Medievalist*, n. 4, 2008.

BORGES, R. F. Literatura em quadrinhos. Fascículo 11. Curso Quadrinhos em Sala de Aula. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, Universidade Aberta do Nordeste, Universidade Federal do Ceará, Prefeitura Municipal do Ceará, 2017.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Mercado de Letras: São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Mercado de Letras: São Paulo, 2008.

BUENO, L.; ZANI, J. B. O ensino de um gênero textual oral e a elaboração de uma ferramenta didática. *Entretextos*, v. 19, n. 1, p. 43, 2019.

BURDICK, A. ; DRUCKER, J. ; LUNENFELD, T. P. ; SCHNAPP, J. *Digital humanities*. Cambridge : MIT Press, 2012.

CHEVALLARD, Y. *La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné*. Grenoble: La pensée sauvage, 1985.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CLOT, Y. *La fonction psychologique du travail*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

\_\_\_\_\_. Editorial. Clinique de l'activité et pouvoir d'agir. *Education permanente*, Paris, n. 146, p. 7-16, 2001.

\_\_\_\_\_. *Travail et pouvoir d'agir*. Paris: PUF, 2008.

\_\_\_\_\_. Clínica da atividade. *Horizontes*, n. 35, p. 18-22, 2017. CRANE, G., RYDBERG-COX, J. New Technologies and New Roles: The Need for Corpus Editors. Presented at ACM. *Proceedings of the 5th ACM Conference on Digital Libraries*, p. 252-253, 2000.

CRANE, G.; SEALES, B.; TERRAS, M. Cyberinfrastructure for Classical Philology. *Digital Humanities Quarterly*, n. 3, v. 1, 2009.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 135-151.

DOLZ, J. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. *Delta*, n. 32, v.1, p. 237-260, 2016.

FAÏTA, D. Gêneros de discurso, gêneros de atividade, análise da atividade do professor. In: MACHADO, A. R. (Org.) *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004, p. 53-80

FERREIRA, A. O. Configurando um AVO (Ambiente Virtual de Orientação): instrumentação de um professor em proposta de incentivo ao uso de TIC e AVA no nível de pós-graduação. *Polifonia* (UFMT), v. 19, p. 16-41, 2012.

FERREIRA, A. D'O.; MELO, G. C. V. de. Análise de textos multimodais da Web e o ISD. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 32, n. 1, p. 1-21, jan. 2016.

GUÉRIN, F. et al. *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2001.

HALLIDAY, M.A.K. *Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, [1985]2004.

HOGAN, R. P.; MOHINI, D. A Synchronous Pedagogy to Improve Online Student Success. *International Journal of Online Pedagogy and Course Design*, n. 8, v. 3, p. 61-77, 2019.

KELLEMBEC, G.; BROUDOUX, E. *Reading and writing knowledge in scientific communities: digital humanities and knowledge construction*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2017.

KERN, S. Lexicon development in French-speaking infants. *First Language*, n. 27, v. 3, p. 227-250, 2007.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 9ª reimpressão. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 15-61.

KRESS, G., VAN LEEUWEN, T. R. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. New York: Routledge, 2006.

LEAL, A. A. A organização textual do gênero Cartoon: Aspectos linguísticos e condicionamentos não linguísticos. Tese (Doutorado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

LEAL, A.; SILVA-HARDMEYER, C. O Modelo Didático do Gênero Cartoon: Uma Ferramenta para o Ensino da Leitura e da Produção Textual A. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 21, n. Especial, 2019.

LOUSADA, E. G. Entre o trabalho prescrito e o realizado: um espaço para a emergência do trabalho real do professor. 2006. 333 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Intervenção, pesquisa e formação: aprendizagem do trabalho educacional e desenvolvimento de professores. *Horizontes*, Itatiba, v. 35, n. 3, p. 94-104, set./dez. 2017.

LOUSADA, E. G.; BUENO, L.; DEZUTTER, O. Gêneros textuais na Universidade na perspectiva de graduandos brasileiros e canadenses. In: NASCIMENTO, E. L.; CRISTOVÃO, V. L. L.; LOUSADA, E. G. (Orgs.). *Gêneros de texto/discurso: novas práticas e desafios*. 1ed. Campinas: Pontes, 2019, v. 1, p. 113-136.

LOUSADA, E. G.; TONELLI, J. B. Letramento acadêmico: ações, pesquisa e formação em contexto universitário. In: PEREIRA, R. C. M.; PEDROSA, J. L. R.; FERAZ, M. M. T. (Orgs.). *Letramentos em Cena: Teorias e vivências*. 1ed. João Pessoa: Ideia, 2019, v. 1, p. 55-78.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G. A apropriação de gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do métier? *Linguagem em (Dis)curso* (Impresso), v. 10, p. 619-633, 2010.

MELÃO, P. A. O gênero textual anúncio publicitário no ensino do FLE: o desenvolvimento da capacidade discursiva “argumentar” por meio de recursos verbais e visuais. Dissertação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. 311p.

PEREIRA, R. C. M. (Org.). *Escrita na universidade: panoramas e desafios na América Latina*. 1ed. João Pessoa: UFPB, 2019, v. 1, p. 207-238.

PEREIRA, R. C. M.; BASÍLIO, R. A didatização da resenha acadêmica em contexto universitário. In: NASCIMENTO, E. L. do; ROJO, R. H. R. (Orgs.). *Gêneros de Texto/Discurso e os desafios da contemporaneidade*. Campinas-SP: Pontes, 2014, p. 229-246.

ROJO, R. *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editora, 2013.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SAUJAT, F. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004, p. 3-34.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995, p. 77-91.

SCHÖN, D. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SKEAT, J.; WAKE, M; REILLY, S; EADIE, P; BRETHERTON, L; BAVIN, E.L.; UKOUMUNNE, C.O. Predictors of early precocious talking: A prospective population study. *Journal of Child Language*, n. 37, p. 1109-1121, 2010.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

SUMIYA, A. H. O gênero multimodal tutorial em vídeo e suas contribuições no ensino-aprendizagem de francês como língua estrangeira por adolescentes. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2017.tde-03042017-123457. Acesso em: 2020-07-29.

TERRAS, M M.; CRANE, G. (Orgs.) *Changing the center of gravity: transforming classical studies through cyberinfrastructure*. Piscataway: Gorgias Press, 2010.

São Paulo, agosto de 2020.